

**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS
CÂMPUS DE MARÍLIA**

MARIA CAMILA DE OLIVEIRA DA ROCHA CAVALCANTI PIRES

**O CARÁTER ANTIPOPULAR DAS ELITES BRASILEIRAS : SUAS RAÍZES NA
ESCRAVIDÃO**

Marília
2022

FOLHA DE ROSTO

Maria Camila de Oliveira da Rocha Cavalcanti Pires

O CARÁTER ANTIPOPULAR DAS ELITES BRASILEIRAS : SUAS RAÍZES NA ESCRAVIDÃO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Conselho de Curso da Faculdade de Filosofia e Ciências, da Universidade Estadual Paulista – UNESP – Campus de Marília, para a obtenção do título de Bacharel em Ciências Sociais. Área de Concentração: Ciência Política.

Orientador (a): Prof. Dr. Rosângela de Lima Vieira

Marília
2022

P667c Pires, Maria Camila de Oliveira da Rocha Cavalcanti
O CARÁTER ANTIPOPULAR DAS ELITES
BRASILEIRAS : SUAS RAÍZES NA ESCRAVIDÃO /
Maria Camila de Oliveira da Rocha Cavalcanti Pires. --
Marília, 2022
32 p.

Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado - Ciências
Sociais) - Universidade Estadual Paulista (Unesp),
Faculdade de Filosofia e Ciências, Marília
Orientadora: Rosângela de Lima Vieira

1. Elites Brasileiras. 2. Escravidão. 3. Estruturas
históricas de longa duração. 4. Democracia. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca da
Faculdade de Filosofia e Ciências, Marília. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

Maria Camila de Oliveira da Rocha Cavalcanti Pires

**O CARÁTER ANTIPOPULAR DAS ELITES BRASILEIRAS : SUAS RAÍZES NA
ESCRAVIDÃO**

**Trabalho de Conclusão de Curso para obtenção
do título Bacharel em Ciências Sociais da
Faculdade de Filosofia e Ciências, da
Universidade Estadual Paulista – UNESP –
Campus de Marília, na área de concentração:
Ciência Política**

BANCA EXAMINADORA

Orientador: _____

Prof^a. Dra. Rosângela de Lima Vieira

2º Examinador: _____

Prof^a.Edna Aparecida da Silva

3º Examinador: _____

Prof. Dr.Paulo Eduardo Teixeira

Marília, 06 de abril de 2022

AGRADECIMENTOS

A temática do tempo e suas temporalidades permeou toda a construção desse trabalho, e nada mais justo do que iniciar os agradecimentos com ela. Ao longo da minha vida escolar e acadêmica sempre carreguei a figura do professor com muito carinho e admiração, sonhando com o dia em que eu pudesse me tornar uma! Essa trajetória não foi fácil, no entanto, chegar a este trabalho é provavelmente um dos grandes passos da minha vida.

Durante esse percurso pude contar com inúmeros professores que me inspiraram, porém aqui vou homenagear alguns que me inspiraram a trilhar esse caminho, o primeiro meu avô Zi que apesar de não ter tido aulas com ele sempre foi uma das minhas maiores inspirações. A segunda será minha mãe que sempre teve maestria em compreender e ensinar as crianças. O terceiro é o professor Júlio que me encantou com as ciências sociais e me apresentou o curso.

A FFC me apresentou professores excepcionais como a minha orientadora Rosângela (que ainda me deterei de um parágrafo para agradecê-la de maneira mais detalhada), a professora Edna, o professor Paulo, o professor Jair, o professor Sinésio, o professor Braga, a professora Valéria e a professora Sueli a todos esses digo muito obrigada, vocês são pessoas incríveis e sempre os levarei comigo ao longo da minha vida. Quando disse que eram inúmeros professores, de fato foram!

Ao PET só tenho a agradecer a minha permanência na universidade foi possível através dele, as experiências vividas, desde o tornozelo quebrado até o documentário só carrego lembranças boas como petiana.

É tão difícil fechar ciclos, no entanto abrir outros é um alívio. Quero agradecer aqui aos meus amigos que estiveram comigo em Marília, a Giulia, o Glayton, a Ingrid, a Dani sem eles esse processo teria sido muito mais doloroso. Deixo meus agradecimentos ao meu irmão João Pedro pelas caronas até a rodoviária, aos meus tios Nilbea e Hermes que ao longo de 4 anos me auxiliaram financeiramente, agradeço ao Didi também pelo auxílio sempre como um pai. Aqui deixo um agradecimento especial ao meu veterano Isaías que apesar de termos nos tornado amigos já no final da graduação tem sido muito companheiro. Também deixo uma homenagem ao Rafael meu melhor amigo, pelo apoio e longas conversas sobre a vida.

À minha mãe Mariana detenho mais que agradecimentos, se não fosse ela eu jamais teria chegado a cogitar estudar. Companheira, atenciosa, maravilhosa, nunca mediu esforços para que eu chegasse onde estou, digo isso porque mesmo com uma jornada exaustiva ainda tomava tempo para me ensinar a fazer lição, a me ouvir, a estar comigo, essa sorte não é para muitos, eu sei! Todas as inúmeras vezes que pensei em partir de Marília ela me incentivava a ter garra para continuar. Mãe espero poder retribuir a você metade do que você me proporciona, te admiro e sou muito grata por ser sua filha.

À professora Rosângela, sinto que nunca tenho palavras o suficiente para homenageá-la, faltam palavras no português para descrever a forma com que ela muda o mundo. Não digo isso somente ao bem que ela sempre me proporcionou, faço das palavras dos meu colegas as minhas “a Rô é a rainha da FFC”, de fato é. Pensar que em 2017 no meu primeiro ano de faculdade, marquei uma reunião com ela, sem saber ao certo o que gostaria de estudar, e essa mulher incrível Me ofereceu acolhimento, carinho e conhecimento de uma forma que jamais tinha recebido, e lá se foram 5 anos...Foi essa professora que me ensinou uma das premissas mais importantes para a minha vida enquanto estudante e professora “ler e escrever não são atividades inatas elas são ensinadas e praticadas” e essa mensagem eu carreguei e repassei para os meus alunos quando ensino, a importância dessa frase é gigantesca, porque definitivamente cheguei a universidade sem saber escrever, essa sensibilidade é pra poucos. Além de uma professora incrível é um ser humano genuíno, nos momentos mais difíceis ela foi uma grande amiga. Rô agora falo diretamente à você, muito obrigada por sempre me inspirar, por me ajudar a continuar todas as vezes que pensei em desistir, sou eternamente grata a você! O seu carinho e ensinamentos foram essenciais para que eu pudesse percorrer esse caminho! Sei que vai continuar inspirando muitas gerações ainda! Quando crescer quero ser como você! Obrigada Professora.

Neste último parágrafo deixo a minha gratidão a todas as outras pessoas que passaram por essa trajetória comigo!

[... A academia não é o paraíso, mas o aprendizado, é um lugar onde o paraíso pode ser criado. A sala de aula com todas suas limitações continua sendo um ambiente de possibilidades. Nesse campo de possibilidades, temos a oportunidade de trabalhar pela liberdade, exigir de nós e de nossos camaradas uma abertura da mente e do coração que nos permite encarar a realidade ao mesmo tempo em que, coletivamente, imaginemos esquemas para cruzar fronteiras, para transgredir. Isso é a educação como prática da liberdade...]

bell hooks

RESUMO

Essa monografia propõe investigar a relação das estruturas históricas da escravidão e o caráter antipopular das elites no Brasil através de levantamentos bibliográficos para o entendimento da hipótese proposta: Resultado dos interesses das elites internacionais e nacionais a formação do capitalismo brasileiro se desenvolveu sob a instituição escravidão. Fomentando assim ao longo de séculos a atual crise política no país. Trata-se de pesquisa explicativa, para a qual utilizaremos como referencial a abordagem das múltiplas temporalidades braudelianas. outra obra a ser tratada nesta monografia será a de Jessé de Souza, em seu livro “A elite do atraso” (2019) em que o autor demonstra as articulações das elites brasileiras ao longo da história até a ascensão do bolsonarismo. A fim de complementar a análise sobre o bolsonarismo e a relação com suas origens escravocratas, o conceito de democracia enquanto “poder do povo” será questionado quando se trata da realidade brasileira e seu caráter antipopular.

Palavras Chave: Brasil; Democracia; Escravidão.

ABSTRACT

This monograph proposes to investigate the relationship between the historical structures of slavery and the anti-popular character of the elites in Brazil through bibliographical research in order to understand the proposed hypothesis: Resulting from the interests of international and national elites, the formation of Brazilian capitalism developed under the institution of slavery. Thus, over the centuries, it fostered the current political crisis in the country. This is explanatory research, for which we will use as a reference the approach of multiple Braudelian temporalities. another work to be treated in this monograph will be that of Jessé de Souza, in his book "A elite do Atraso" (2018) in which the author demonstrates the articulations of the Brazilian elites throughout history until the rise of Bolsonarism. In order to complement the analysis on bolsonarism and the relationship with its slave origins, the concept of democracy as "power of the people" will be questioned when it comes to the Brazilian reality and its anti-popular character.

Keywords: Brazil; Democracy; Slavery.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.	10
2. O PROCESSO DE ESCRAVIZAÇÃO NO BRASIL.	12
3. O CARÁTER ANTIPOPULAR DAS ELITES BRASILEIRAS.	17
4. DAS RUPTURAS E CONTINUIDADES HISTÓRICAS DO BRASIL.	23
5. CONCLUSÃO.	29
6. REFERÊNCIAS .	30

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho de monografia discute o caráter antipopular do bolsonarismo e para isso a abordagem braudeliana auxiliará a compreender de que forma as elites brasileiras atuaram ao longo da história do país. Tomando por base as obras de Jessé de Souza, John Monteiro, bell Hooks e Rosângela Vieira autores que analisam os processo histórico brasileiro de modo a compreender de que maneira a o discurso antipopular e antidemocrático está estruturado no Brasil através das ideias das classes dominantes.

Elites, tratadas no plural, assumem nesta monografia o sentido relativo que o termo carrega dentro das Ciências Sociais, porém refere-se principalmente ao uso das expressões “elites”, “classes dominantes” ou “ classes dirigentes”, todas elas empregadas na tentativa de definir grupos e sujeitos históricos (repensar sobre a história como linear e com roteiro pronto) que ocupam posições mais elevadas nas hierarquias sociais. Muito embora a monografia use o termo no plural, não quer dizer que se trate de um grupo coeso e unido. O movimento que as elites realizam, ao longo do processo histórico brasileiro, é o de coesão e união sempre que as mesmas se vêem sob risco, do contrário há monopólio de interesses sempre na presença de conflitos, pois acaba que a luta pelo poder se torna interna. ou seja, se convergem ou divergem conforme os interesses.

Ao longo dos séculos o substantivo democracia carregou diversos significados, desde os gregos que a entendiam válida somente quando efetivada de maneira direta até os pensadores atuais, porém é necessário ir além das percepções já comentadas sobre esse regime.

Democracia é muito mais do que um termo; de fato é um conceito, um procedimento, um sonho, um valor. O interesse aqui é ressaltar o seu uso como um jargão ideológico, utilizado como panaceia para todos os problemas sociais, políticos e econômicos no moderno sistema-mundo. Ao se utilizar da defesa da democracia como justificativa para a ingerência em países da periferia, o centro da economia-mundo capitalista oculta sua própria situação de fragilidade. (VIEIRA, 2018. P.137)

O papel do Estado ao longo dos cinco séculos de capitalismo histórico consistiu em atender a demanda de interesses particulares das elites, negando frequentemente as necessidades populares, o Brasil está inserido nos moldes de Estado capitalista, muito embora a democracia e o capitalismo sejam antagônicos. Antagônicos porque propõe-se visualizar o caráter popular da democracia, em que o povo de fato desfrute do direito à vida, isto é, que a liberdade e o afeto seja a voz das massas e não somente a incorporação do jargão para a aplicação consecutiva de golpes de Estado.

Também é necessário para a seguir a leitura e a interpretação dessa monografia, esclarecer o uso de mais dois processos, o de etnização e o racismo estrutural. O processo de exclusão e segregação não é recente na história humana, as sociedades ao longo de todo processo histórico ao redor do globo flertavam com a hierarquização, porém o século XIX incorpora o caráter de hierarquização racial, atrelado ao desenvolvimento do capital e técnico-científico respaldados pelas correntes do denominado “Darwinismo social”. A hierarquização racial, ou, processo de etnização semeou os elementos necessários para a formação de um ideário bitolado, que perpetuou o discurso de que as minorias brasileiras historicamente foram passivas a dominação da escravidão.

Tanto o racismo estrutural quanto a etnização são processos inerentes ao desenvolvimento do sistema capitalista, é necessário compreender que a progressão do capitalismo se deu as bases da escravidão como forma de acumulação primitiva dentro das periferias. Este é o caso que se impõe ao Brasil, a escravidão colonial que a priori foi imposta aos indígenas e a posteriore a população africana e descendentes. O capital internacional deveu a essas técnicas brutais de acumulação a sua maior lucratividade durante os séculos das explorações coloniais. Fruto dos interesses das elites internacionais o Brasil se constituiu, fomentando assim ao longo de séculos a atual crise política e ideológica do país. Sendo assim, a análise desenvolvida buscou compreender essa realidade à luz das estruturas históricas de longa duração braudeliiana.

2. O PROCESSO DE ESCRAVIZAÇÃO NO BRASIL.

Para compreender o processo de escravidão no Brasil é importante entendermos com que forma os ciclos sistêmicos do Capitalismo atuaram historicamente. Assim, peguemos emprestado essa terminação teórica de Giovanni Arrighi. De acordo com o autor, o sistema capitalista desde seu princípio possui uma tendência multissecular de expansão, ascensão e declínio de um modelo de acumulação, instaurando a cada mudança uma nova hegemonia mundial. Isso de modo que a cada período se renove as formas de acumulação do capital.

No Brasil, desde o ano zero, a instituição que englobava todas as outras era a escravidão, que não existia em Portugal, a não ser de modo muito tópico e passageiro. Nossa forma de família, de economia, de política e de justiça foi toda baseada na escravidão (SOUZA, 2018. p.42)

Tomemos como exemplo o elemento principal desta análise, o racismo estrutural, Immanuel Wallerstein estudou a formação do sistema-mundo e a divisão hierárquica do planeta em três níveis, visando compreender esses processos utilizando das terminações sistêmicas de centro, semiperiferias e periferias do sistema mundo. Racismo estrutural não é somente uma palavra e tão pouco apenas uma forma de expressar preconceitos, o racismo estrutural é multifacetado, antes de tudo, é econômico. E não porque se mantenha rentável financeiramente ao sistema capitalista, mas sim porque se situa enquanto elemento principal do exercício do poder. Esse projeto político visa desmobilizar populações para que as mantenham subalternas, sendo assim, desumaniza as mesmas.

A construção do racismo estrutural, de acordo com o autor, é realizado por uma parcela específica da população, e da mesma estar apartada dos direitos sociais, econômicos e culturais, em função da manutenção da acumulação do centro, esse processo foi denominado etnização.

A etnização proporcionou ao racismo estrutural três fundamentos dentro das relações de trabalho sistêmicas;

1. Prover trabalhadores categorizados no interior dos próprios espaços domésticos, instaurando quase que exclusivamente a replicação de trabalhadores etnicamente definidos, semeando esse elemento no seio das próprias famílias.
2. Garantir que esses trabalhadores estejam em uma faixa precária em uma situação de sobrevivência, isso para que houvesse um controle da quantidade desses indivíduos, pois se há poucos, exige-se mão de obra mais cara, e se há muitos trabalhadores corre-se o risco de revoltas.
3. O processo de etnização utilizando os termos do autor “arraigou” a hierarquização do trabalho, ou seja, este processo não tem a necessidade de ser ensinado porque a etnização, ao longo dos séculos, reforça e renova o discurso da hierarquização de acordo com as estruturas históricas vigentes. Por isso a naturalização de relações de trabalho tão cruéis como a escravidão.

No moderno sistema-mundo há uma assertiva bastante comum de que a democracia se realiza plenamente nos países do centro do sistema capitalista. Ou seja, há uma de que os países centrais, no processo de acumulação de capitais, teriam se constituído em democracias sólidas, como os EUA, a Inglaterra, a França e a Alemanha. No entanto, não nos parece assim tão simples, uma vez que investigando de perto a história desses países pode se perguntar: é possível realmente uma democracia no centro do sistema capitalista? Se afirmativo: o que de fato ela é? Como se realiza efetivamente? Eleições são suficientes para garantir um poder realmente democrático? Os dados históricos apontam que se trata de uma democracia formal que não equivale à igualdade de direitos para todos no cotidiano da vida social. A presença da etnização, do sexismo e do racismo, nesses países, indica claramente essa desigualdade. (VIEIRA, 2018. p.140)

A economia mundo¹ no final do século XV e início do XVI concentrou-se na exploração das Américas e das Áfricas² fortalecendo ao máximo o desenvolvimento de acumulação de capitais do continente Europeu.

¹ Para tanto, vamos assumir a construção conceitual e histórica feita pelo seu criador, Immanuel Wallerstein, para quem: “[N]o final do século XV e começo do XVI, nasceu o que poderíamos chamar de uma economia-mundo europeia” (Wallerstein, 1999, p. 21). Trata-se de uma única entidade econômica, que em seu espaço convive com diferentes formas de entidades políticas (império, cidades-estados, nações-estado), sendo maior que qualquer uma delas, e por isso constitui-se num “sistema mundial”. (VIEIRA, 2010 p. 504)

² Áfricas são tratadas no plural, pois de acordo com Wallerstein é um continente plural, assim como as Américas.

Muito embora a escravidão enquanto instituição já estivesse posta na Europa, ela era marginal aos interesses e princípios originais da península Ibérica, e só passou a se tornar rentável e necessária a partir do processo de colonização das Américas.

É necessário que o termo escravidão não está somente conotando uma forma de trabalho compulsório, mas sim uma forma de instituição estrutural à que as Américas foram submetidas. O termo instituição, pois, eram aceitas e incorporadas por toda a sociedade, enquanto relação social, de trabalho e também principal mercadoria da época.

Portugal havia descoberto no território que viria a ser o Brasil, um tipo de madeira avermelhada hoje conhecida como pau Brasil. A exploração e captação desse recurso exigiu que a Coroa impusesse algumas decisões, dentre estas a necessidade da aplicação de formas de trabalho compulsório e, além disso, era primordial que esta mesma mão de obra reconhecesse o território ali vivenciado. Não é por acaso que a mão de obra mais acessível e rentável para os europeus foi a exploração dos povos indígenas.

Além do pau-brasil, o território recém descoberto pelos europeus, chamava atenção pela possível presença de metais preciosos, que haviam sido encontrados na América espanhola. Esse fator auxiliou no processo de invasões realizadas por outros países europeus na América. O processo de colonização e povoamento da costa do Brasil ocorreu em vista de três fatores principais: o controle da questão indígena, a proteção do território e a organização das produções que se desenvolviam principalmente na região nordeste.

O território que viria a ser o Brasil era habitado por muitos grupos indígenas, entre esses grupos que ocuparam a costa do Brasil no início do século XVI estavam os Tapuias, Aimorés, Tupinambás, Guaranis e inúmeros outros.

Neste sentido, o Tupi dos Jesuítas, mesmo sendo baseado concretamente nas variantes da língua falada por índios e mestiços sobretudo, sobretudo nas capitânicas de Pernambuco, Bahia, Espírito Santos e São Vicente, constituía, antes de mais nada, um dialeto colonial. (MONTEIRO, 2001. P.37)

Elemento importante a se notar no processo de colonização é a educação jesuítica³ dirigida a todos os povos da costa brasileira que se pautou em uma espécie de castração cultural, em que para facilitar o ensino e a doutrina cristã estabeleceu-se desde cedo uma

³ Nas linhas e entrelinhas, vem à tona a tensão entre o projeto jesuítico de transformar os índios num rebanho enorme e os projetos dos índios de manter elementos cruciais do seu modo de ser” (Monteiro, 2001. p.8)

política linguística que tornava a comunicação a forma mais perversa de dominação e extermínio cultural. A primeira língua geral imposta aos indígenas foi o Tupi-guarani, que baseava um conjunto de diversos idiomas indígenas do Brasil.

O processo de interpretação jesuítica sobre esses diferentes idiomas, massacrou as singularidades dessas tribos e aniquilou algumas delas, em busca da dominação massiva e desmobilização dos grupos atingidos.

O primeiro modelo de controle adotado pela coroa portuguesa foram as chamadas capitânicas hereditárias. Estas, para além da divisão administrativa do país, serviam de proteção, produção e lucros, mas principalmente o controle da questão indígena

Há, pois, dois movimentos a aprender no processo de constituição da moderna produção escravista . De um lado, à centralização mercantil e que propunham o monopólio de terras para suas determinações. De outro, mas no mesmo processo de constituição da moderna produção mercantil, essa concentração exigia ponderável número de um tipo específico de trabalhadores, o que só era possível, naquela época, pela compulsão. (Ferlini,2003 p.32)

A colonização não era simples e tão pouco barato, eram necessários financiadores. A estratégia para atrair os portugueses interessados em financiar as viagens e a habitação do continente, foram segundo Ferlini a produção de cana de açúcar, pois Portugal já possuía experiências em sua produção desenvolvida no século anterior nas ilhas do Atlântico, vislumbrando que a abundância das terras permitiria o sistema monocultor e de larga escala, o Plantation.

O empreendimento colonial português no Brasil exigiu certa retaguarda demográfica para a sua efetivação: variado substrato humano branco, a fundamentar o universo social da economia escravista, necessitando, ao mesmo tempo, uma espécie de estrutura urbana responsável por atividades administrativas, militares e religiosas. Prover tal base populacional foi também preocupação da coroa portuguesa, pois, além da carreação de capitais para o erguimento dos engenhos, era mister atrair colonos para compor o suporte mínimo de ocupação tornar-se-ia a exploração econômica. (Ferlini, V., P. 20 21)

Simultâneo ao desenvolvimento das capitânicas hereditárias, o país viveu o processo de transição entre as mãos de escravas, dentro dos sistemas de plantation o uso da mão de obra escrava africana foi intenso. A atuação da etnização no país não se limitou somente aos indígenas, não obstante permeou todo o processo de dominação das diversas culturas africanas sequestradas de seus berços.

Em 1572 a obtenção de indígenas ainda era acessível e barata, já nos anos de 1590 a situação mudou completamente o avanço e expansão da economia açucareira demandou cativos africanos⁴ para poder se estabelecer. A balança comercial já se organizava e com isso o valor dos escravos se equilibrava. A mão de obra negra ⁵apontava diferenças importantes no que tratava das técnicas, fator esse que favoreceu a aceleração da expansão do mercado escravista.

Nesta perspectiva, quando nas primeiras décadas do século XVI, o estado português, apoiado por capitalistas de várias nacionalidades, passou a fabricar açúcar na colônia americana, estava, de fato, efetivando um deslocamento de parte da cadeia – plantio da matéria-prima e produção do açúcar – para as possessões lusitanas no continente americano. O sucesso deste deslocamento repercutiu em toda a cadeia, diminuindo os preços e aumentando o consumo, como também atraindo a atenção de outros estados e capitalistas para o negócio do açúcar, incluindo-se o tráfico de escravos, o que, por sua vez, gerou novos reajustamentos dos agentes privados e estatais envolvidos. (VIEIRA, 2010. p.500)

O processo de transição da escravidão indígena para a negra foi lenta e ocorreu aproximadamente ao longo de meio século, em que os senhores de engenho, acumulavam riquezas para comprar novos negros escravizados.

Na Bahia, essa mudança pode ser observada na transformação da população de um único engenho ao longo do tempo. Em 1572, o Engenho Sergipe possuía 280 escravos adultos, dos quais vinte eram africanos. Em 1591, a população cativa do engenho era de 103 indivíduos, 38 deles eram africanos. Em 1638, quando a propriedade foi arrendada a Pedro Gonçalves de Matos, havia 81 escravos, todos eles africanos ou afro-brasileiros. A transição para uma força de trabalho africana foi efetuada nas primeiras duas décadas do século XVII, época em que a indústria açucareira experimentava rápida expansão e considerável desenvolvimento interno devido aos altos preços internacionais do açúcar (Schwartz, B. Stuart, p.68)

A etnização instalou no Brasil os moldes necessários para a concretização de elites racistas, em um país onde mais da metade da população é identificada como preta, parda ou indígenas. O caráter antipopular da democracia brasileira acontece através do reforço do discurso de etnização que parte das classes dominantes e reverbera sobre as classes subalternas.

⁴ “ Na Idade média, em Portugal, a palavra “negro” tornara-se quase sinônimo de escravo, e com certeza no século XVI ainda tinha implicações de servilismo” (Schwartz,1988. p.58)

⁵ “[...]cativos da Angola e da Guiné eram empregados como mestres de açúcar, purgadores, ajudantes de purgador, ferreiros, caldeiros e caixeiros [...].(Schwartz,1988. p.59)

3. O CARÁTER ANTIPOPULAR DAS ELITES BRASILEIRAS.

Esta seção discute a forma com que as elites brasileiras articuladas as hegemonias respectivamente cada uma de sua época se organizará contra o povo, nesse sentido podemos observar a forma com que por exemplo a sucessão de golpes de Estado percorreram a história do Brasil, utilizando dos pressupostos teóricos de Immanuel Wallerstein. No decorrer deste texto, o termo racismo sempre será entendido enquanto uma forma de dominação utilizada para hierarquizar indivíduos até países, como abordamos no capítulo I. “De onde surge a legitimação para a dominação Oligárquica e antipopular?”

Momentos de crise como a que se têm fomentado nos últimos anos no Brasil são, nesse sentido, uma oportunidade única para rupturas. Na crise, toda legitimação perde sua “naturalidade” e pode ser questionada. Wallerstein defende que esses momentos são bifurcações históricas em que podemos manter as estruturas vigentes ou rompê-las, e por isso é necessário que se construa um novo sentido. Por isso iniciamos a análise a partir da compreensão da escravidão, para perceber de que maneira ela criou uma singularidade excludente e perversa

Observar como ocorreu a construção dessas elites brasileiras, nesse sentido, é importante a ruptura com a ilusão de que toda corrupção surge em seio político, o discernimento é necessário já que segundo Jessé de Souza, em a “elite do atraso” (2018) na sua analogia ao narcotráfico, os políticos seriam apenas os "aviõezinhos" enquanto a verdadeira corrupção corre em meio às elites econômicas, dessa forma para Jessé de Souza combater a verdadeira corrupção seria combater as elites do dinheiro.

A mídia no mundo todo repete, reproduz e amplia esse tipo de percepção, como se fosse conhecimento real e incontestável. Afinal, ela não produz conhecimento. Apenas distribui e eventualmente, como no nosso caso, em um contexto de total desregulação de seu trabalho, enfatiza alguns aspectos e encobre outros tantos de acordo com seus objetivos comerciais e políticos. (SOUZA,2018. P. 17/18)

O processo de dominação realizado pelas elites acabou por naturalizar o discurso de que somente o Estado desfruta do monopólio da corrupção, isto ocorreu através da própria disseminação das ideias dominantes ao longo da historiografia brasileira, a reflexão sobre

os intelectuais brasileiros não será discutida neste trabalho, no entanto é primordial que saibamos de que forma isso colaborou para a dominação oligárquica e antipopular.

Em moldes gerais, Souza afirma que os clássicos brasileiros em sua grande maioria, refletiram sobre a história do Brasil com viés marxista, deixando por vezes elementos importantes como a escravidão apenas como um elemento econômico e não como uma instituição política, econômica e social precursora do que se tornaria o Brasil. Além do domínio executado pelos intelectuais (sem apartá-los de seus respectivos contextos), temos que notar a naturalização dentro do seio do trabalhador, por exemplo, quando já em meados dos anos de 1950, poucos anos antes do golpe de 1964, os meios de comunicação como as rádios e a televisão afirmavam o caráter articulado das elites. As novelas, o futebol, os jingles, a jovem guarda desempenharam papel fundamental dentro do processo de formação do ideário da população, sendo aceito a ideia de que a negritude ocuparia fundamentalmente papéis antagônicos. Nessa estratégia de dominação que possui viés predominantemente simbólico, legitima aquilo que é interpretado enquanto verdadeiro, justo ou injusto, correto ou incorreto, por isso a TV as rádios buscam os ditos “especialistas” para que possam aprovar a matéria discutida, mantendo a população refém de ideias somente reproduzidas e não refletidas.

Tomemos, nesse sentido, os processos históricos das ideias e da educação no Brasil. É inegável que a fuga da família real portuguesa ao Brasil, foi uma das formas com que o país cresceu, utilizou o termo cresceu, pois a ideia de desenvolvimento ainda se dá muito distante na colônia. A construção da biblioteca nacional, o banco do Brasil e do jardim botânico mostraram um grande marco para a história do país, é incontestável que sejam patrimônios, no entanto vale um questionamento, para que se valeria uma biblioteca já que mais da metade da população não tinha acesso, fosse por analfabetismo fosse por não pertencer à oligarquia. As elites brasileiras que hoje nos rodeiam agem de forma semelhante à realeza portuguesa, não porque vivemos em um looping histórico, mas sim porque em sentidos estruturais jamais rompemos com as mesmas.

Ao vislumbrar o processo de constituição tardio das classes sociais no Brasil, é necessário compreender como principalmente as elites enquanto categoria se estabeleceram no poder.

Segundo Wallerstein em momentos de crise a história nos oferece bifurcações para rupturas históricas ou continuidades, considerando este argumento no Brasil em sua grande

maioria os processos de ruptura histórica foram tomados e incorporados pelas elites econômicas, cada qual em sua época inibindo por vezes as ações do povo, nesse sentido, há de se observar alguns exemplos, a começar pela abolição da escravatura em 1888, momento em que a escravidão já não era mais rentável e sustentável para os latifundiários, já que haviam alguns motivos claros para que esse processo deixasse de ocorrer, entre estes :

1. O mercado europeu, principalmente Britânico (potência hegemônica da época) necessitava de mercado consumidor, porque seus interesses sobre o Brasil estavam cada vez mais intensos. A Inglaterra a essa altura se encontrava contra o mercado de tráfico de escravos, pois não era mais vantajoso como em outros contextos, a economia mercantilista passara a ser substituída pelo Imperialismo. (fonte?)
2. Já na época a quantidade de pessoas pretas não livres era pouca diante das circunstâncias anteriores. E os Quilombos já estavam fortalecidos.
3. A revolta de São Domingos⁶ no atual território do Haiti gerou terror entre os latifundiários.
4. O imperador do Brasil Pedro II não se encontrava mais no Brasil, sendo de interesse das próprias elites econômicas locais da época abolir a escravatura já que não se constituía mais enquanto economicamente lucrativo.

Tais motivos, sobretudo os econômicos, aprovaram quase que imediatamente uma lei que havia sido proposta na câmara pelo menos há cinquenta anos atrás⁷, e ainda sim, foi o último país das Américas a abolir a escravidão.

⁶ A Revolução Haitiana foi uma grande rebelião de escravos que levou São Domingos à independência sob a liderança de Toussaint Louverture e Jean-Jacques Dessalines. A Revolução Haitiana foi uma grande rebelião de escravos e negros libertos que aconteceu na colônia francesa de São Domingos a partir de 1791.

⁷A Lei do Ventre Livre foi oficialmente aprovada em 28 de setembro de 1871. Essa lei decretava que todos os filhos de escravos nascidos no Brasil a partir de 1871 seriam considerados livres. O dono dos escravos que tivessem filhos tinha, porém, a opção de escolher quando daria a liberdade de fato a eles. Lei dos Sexagenários
O crescimento do movimento abolicionista na década de 1880 foi notável, e a causa foi abraçada por diferentes classes sociais do Brasil. O fortalecimento do abolicionismo fez crescer as ações de resistência contra a escravidão, fossem essas legais ou ilegais (à luz da legislação da época). O fortalecimento do movimento de libertação gerou uma reação conservadora, e a Lei dos Sexagenários foi um reflexo disso. (mundo educação, acessado em 26/03/22).

É necessário compreender que esses padrões ocorreram ao longo de todo processo histórico brasileiro até o momento.

Tais motivos, sobretudo os econômicos, aprovaram quase que imediatamente uma lei que havia sido proposta na câmara pelo menos há cinquenta anos atrás⁸, e ainda sim, foi o último país das Américas a abolir a escravidão.

É necessário compreender que esses padrões ocorreram ao longo de todo processo histórico brasileiro até o momento

O golpe da maioria, a abolição da escravatura, a proclamação da república, o golpe de 1930, a ditadura do Estado novo, a ditadura civil-militar de 1964, o golpe de 2016 e as eleições de 2018 tem o mesmo fundamento, ou melhor, se desenvolveram com bases na mesma estrutura.

As elites internacionais e nacionais motivadas pela garantia de seus interesses ocultaram todo esse processo histórico, sendo a principal estratégia o uso do discurso que se afirma “democrático”.

Por vezes a população ludibriada agiu como antipopular, como já dizia Chico Buarque em sua canção “seus filhos erravam cegos pelo continente, levavam pedras feito penitentes erguendo estranhas catedrais”

Interessante ressaltar esse aspecto, pois em sua maioria, os golpes realizados no Brasil, tiveram apoio parcial da população. Por isso é necessário entender de que forma as elites agiram, tomemos como pressuposto a teoria sobre as rupturas e continuidades históricas.

Durante os primeiros anos da República tínhamos presente nesse momento histórico o que ficou demarcado como coronelismo e o voto cabresto (exercício do voto democrático no país tardou para se concretizar, ou seja, foi efetivamente acessível apenas após a constituição de 1932, embora não tenham ocorrido eleições). Como mostram obras de alguns dos clássicos brasileiros. Essa tradição perdura até os dias de hoje, principalmente nas cidades do interior, em que muitos dos candidatos oferecem churrascos,

⁸A Lei do Ventre Livre foi oficialmente aprovada em 28 de setembro de 1871. Essa lei decretava que todos os filhos de escravos nascidos no Brasil a partir de 1871 seriam considerados livres. O dono dos escravos que tivessem filhos tinha, porém, a opção de escolher quando daria a liberdade de fato a eles. Lei dos Sexagenários
O crescimento do movimento abolicionista na década de 1880 foi notável, e a causa foi abraçada por diferentes classes sociais do Brasil. O fortalecimento do abolicionismo fez crescer as ações de resistência contra a escravidão, fossem essas legais ou ilegais (à luz da legislação da época). O fortalecimento do movimento de libertação gerou uma reação conservadora, e a Lei dos Sexagenários foi um reflexo disso. (mundo educação, acessado em 26/03/22).

empregos entre outros benefícios em troca de votos, já nas capitais ocorre o que denominaram de despotismo político.

Muito embora a população de vários países frequentemente tenha se levantado pela democracia, nunca houve, de fato, uma efetiva soberania popular, mesmo em nações consideradas democráticas. Essa luta histórica por igualdade é justamente o que as classes dominantes procuram evitar, como evidenciado na Revolução Francesa: o lema “Liberdade, Igualdade e Fraternidade” foi, na prática, restringido às liberdades individuais, enquanto o discurso da meritocracia assegurava a anuência em relação às desigualdades sociais. (VIEIRA, 2018.p.138)

Em 1982 por exemplo após a derrota da ditadura, antes estabelecida a base do liberalismo conservador, violência e elites aliadas ao exército, foram derrubados pouco a pouco pelos movimentos estudantis e das enormes greves dos funcionários do ABC. Há elementos importantes que valem ressaltarmos, nesse sentido, o fato de que ainda que derrotadas as elites se organizam e evitaram mesmo que com as “diretas já” os votos fossem diretos, ou seja, evitaram a instalação imediata do acesso do povo a política, e posicionaram os seus representantes no poder, sendo o primeiro governo do período o militar Tancredo Neves, que após seu adoecimento elegeu seu vice José Sarney.

Ao longo do final dos anos de 1980 e a década 1990 temendo as revoltas populares e sua emancipação, as elites nacionais se articularam com dedicação na implementação de uma educação básica neoliberal, já que as mesmas haviam sido derrotadas via movimentos estudantis, para evitar tal repetição a implementação de um ensino focado no crescimento através da técnica e o sucateamento da escola pública e das humanidades. Mesmo que mais caladas as elites não deixaram de se organizar nesse intervalo, e com mais sucesso ainda a eleição de FHC propiciou que o neoliberalismo reinasse neste país, pois a série de privatizações ao longo da década nos mostraram. Notamos que o paradigma da época demonstrava um liberalismo conservador em critérios morais, liberal economicamente e antipopular, isso se revelava no próprio entretenimento da época como abordado anteriormente.

4. DAS RUPTURAS E CONTINUIDADES HISTÓRICAS DO BRASIL.

A expressão *bolsonarismo* utilizada nesta pesquisa não se vincula de forma direta à figura do presidente atual, pois o principal elemento que busco evidenciar é o movimento realizado pelas elites brasileiras ativas. Estar fundamentado sobre o pilar estrutural histórico da escravidão revela os elementos práticos do porquê o Brasil nunca pode efetivamente exercer a democracia de forma plena. Submerso em leito antipopular, o país se fundou sobre parâmetros opostos, sendo constituído em sua grande maioria por estruturas históricas de continuidades⁹ e quase nunca de rupturas.

A mudança das relações de trabalho foi fundamental para a implementação de um capitalismo atualizado no Brasil. Esses foram um dos motivos da institucionalização do fim da escravidão que já se encontrava nos fins. Portanto, a Lei Áurea não representou de fato uma ruptura histórica, mas sim uma continuidade.

Contudo, o mais relevante nesse momento é compreender que a República brasileira se constituiu com um golpe militar, processo esse que se arraigou ao regime político brasileiro. A lista de golpes na história do Brasil é longa, o golpe de Prestes nas eleições contra Vargas, o Estado Novo, o Golpe de 64, o golpe de 2016. Todos esses momentos históricos se relacionam no que tange a conjuntura, é quase como se as elites brasileiras carregassem uma “fórmula mágica” para quando se sentissem ameaçadas.

Segundo Fernand Braudel a história não se repete ela apenas continua, isto é, ela revela estruturas históricas jamais rompidas, não há uma fórmula para o golpe, mas sim uma articulação estrutural e histórica que vem de anos de formação, e ocorre de maneira tão coesa e certa que praticamente não conseguimos evitar.

O capitalismo historicamente se realiza promovendo a desigualdade econômica e o não reconhecimento igualitário de direitos. A acumulação de riquezas é subjacente à expropriação e à exploração de grupos e povos. De forma simples: não há enriquecimento de uns sem empobrecimento de outros. (VIEIRA, 2018. p.139)

⁹ De acordo com Wallerstein a história se depara com momentos decisivos que geram bifurcações, sendo essas de rupturas ou continuidades com a realidade concreta.

Embebidos do movimento sistêmico do capital, os momentos pré golpes se assemelham em alguns pontos, e são eles, o discurso da corrupção estatal¹⁰, a ameaça comunista, a promessa de ordem e progresso, o ataque à arte¹¹ (principalmente a música) e o verdadeiro *front* de guerra contra a educação crítica, já que ela é a chave para a emancipação.

O discurso da corrupção estatal é uma estrutura histórica de longa duração, principalmente nos países da periferia. Culpabilizar o Estado por todo mal arremessado ao país, possibilita a abertura do discurso de naturalização da exploração e de caos absoluto na esfera pública, habilitando dessa forma uma falsa sensação de que o povo exerce a *res publica*, em meio a esse caos as elites articuladas se mantêm sempre em prioridade, gerando a imagem de que a economia é estável e que as privatizações seriam a solução para a desordem estatal.

O Brasil, aponta uma especificidades, antes mesmo, da fundamentação da separação dos interesses privados e dos interesses públicos, a sociedade brasileira e principalmente a economia brasileira se construiu sobre os interesses privados, criando a ilusão de que os interesses privados abrangem os interesses do povo, por exemplo, o tão arraigado coronelismo.

No caso brasileiro, só em meados do século XX, se constituiu uma verdadeira burocracia com os meios para a atuação em todo o território nacional, mas já num contexto de desenvolvimento capitalista intenso e rápido. O caso brasileiro era, portanto, muito diferente sob todos os aspectos do chinês. Primeiro, jamais existiu no período colonial brasileiro qualquer coisa semelhante ao estamento burocrático chinês. A colonização do país foi deixada nas mãos de particulares que eram verdadeiros soberanos nas suas terras, onde o Estado português conseguia impor sua vontade apenas de modo tênue. (SOUZA, 2018, p.216)

A escravidão e o viés antipopular são os elementos que perpassaram por toda a história do Brasil. Eles viabilizam a articulação desenfreada das elites sobre os interesses públicos. A problemática desse discurso para além da formação de estereótipos, a corrupção

¹⁰A desinformação, comumente chamada de *fake news*, é um dos maiores problemas da sociedade mundial. E, no Brasil, não é diferente. Para alertar e conscientizar a população dos perigos do compartilhamento de informações falsas, em 1º de abril de 2019, representantes do CNJ, das associações da magistratura e dos tribunais superiores e da imprensa lançaram o Painel de Checagem de Fake News. Os parceiros do Painel contribuem para o projeto dentro de sua área de atuação e com as ferramentas que dispõem para checar dados e realizar ações de alerta à sociedade sobre o perigo da informação falsa.

¹¹ No festival de música Lollapalooza Brasil de 2022, alguns artistas como a cantora Pablo Vitar foram censurados pelo Tribunal Superior Eleitoral em sua apresentação.

passa a ser vista como um aspecto cultural e subjetivo do ser humano somente. A verdadeira corrupção ocorre como resultado da própria lógica do capital. creio que o aspecto mais relevante desse momento do texto é entender o porquê o discurso da corrupção esteve sempre presente nas vésperas dos principais golpes da história.

O conceito de “modernização conservadora” ou “liberalismo conservador” como nomeou Jessé de Souza ocorre quase que completamente na história do nosso país, a começar pelo modelo singular de organização estatal que o Brasil adotou, tendo de certa forma influencia o modelo europeu e o norte americano¹², modelos completamente opostos, que por instabilidade política levou o Brasil a optar por ambos. A promessa de modernização do país ocorre desde o princípio, ela até ocorre, porém em muitas partes, por exemplo, o investimento em tecnologias ultrapassadas¹³ e a implementação das mesmas revelam de que forma é a chamada “modernização conservadora”¹⁴ ocorreu.

A organização com o capital financeiro internacional revela o grande esquema de corrupção econômica, e é por isso que às vésperas dos golpes na história do Brasil sempre estiveram atrelados às hegemonias de cada época. Em 1964, no decorrer dos primeiros dias do golpe havia frotas americanas instaladas na costa do Rio de Janeiro, caso algo ocorresse de forma inesperada. No período de 2016 e 2018 durante o governo de Donald Trump, inspiração para os Bolsonarismo, o Brasil recebeu fortes intervenções do governo norte americano, como por exemplo a frota de navios estadunidenses no litoral carioca caso o processo do golpe viesse a falhar . Por isso o discurso da corrupção política é uma estrutura de longa duração e possui caráter sistêmico ainda que tenha suas particularidades.

A alternativa que as elites mais utilizam é a culpabilização do Estado e de seus governantes e das minorias, a classe dominante dita as ideias dominantes, e por meio das mídias ela reproduz e amplia essas ideias como se esse conhecimento fosse real e incontestável. Esse processo nunca deixou de ocorrer em nossa história, mas em períodos específicos tornam-se mais claras. Há muitos aspectos políticos e processos em curso tais

¹² O **centralismo** é um sistema político em que o poder político e administrativo é concentrado nos órgãos centrais do Estado presente em países Europeus. Opõe-se ao **federalismo**, os vários entes que constituem o estado presente nos EUA..

¹³ A compra das usinas nucleares em Angra revelam claramente a “modernização conservadora” em que a representação da instalação dessas usinas vinha com a promessa de fornecer energia a todo o rio de janeiro, porém a tecnologia ultrapassada e a instalação precária fizeram com que a usina não despojasse desses retornos prometidos.

¹⁴ É um conceito. Trata de modernizar em termos tecnológicos, mas sem mudanças sociais. Por exemplo, a modernização da agricultura, sem reforma agrária.

como mudanças no mundo do trabalho, avanço movimentos de direita com base evangélica, o impacto da Comissão da Verdade sobre setores conservadores/bases sociais da violência no Brasil (forças policiais e milícias etc), desdobramentos de políticas econômicas etc. Toda bancada evangélica, Centrão e bolsonaristas tem votos populares, e não é algo novo. As elites se sentem ameaçadas pelos interesses públicos, quando de certa forma o exercício da democracia de fato prioriza a população. Basta observarmos a conjuntura dos últimos anos, a criação da lava jato, as manifestações de 2013, o golpe de 2016 e as eleições de 2018.

Os anos de governo PT¹⁵ foram muito significativos para o histórico pouco democrático do Brasil, ainda que reformista, ter o Partido dos Trabalhadores no governo, foi um movimento excepcional. Foram esses anos que permitiram a diminuição da concentração de renda no país, a queda brusca da taxa de analfabetismo, e principalmente foram durante esses anos que a periferia alcançou a Universidade, e principalmente a Universidade Pública, ainda que minimamente. Isso representou para as elites uma verdadeira afronta, para além do aspecto do status social, a educação crítica é o fator fundamental para a emancipação popular, é a educação que iniciaria o processo de desmonte dessa estrutura antipopular, escravocrata e corrupta.

No Brasil, as lutas por igualdade de gênero e principalmente as lutas antirracistas ganham contornos cada vez mais explícitos, pois o longo período de escravidão (quase quatro séculos) e o tipo de abolição (explicitamente conservadora) explicam os séculos de exclusão da maioria da população negra. (VIEIRA. 2018 p.145)

O emblemático ano de 2020 escancarou todas essas estruturas históricas formadoras do Brasil, revelando de que forma o atual governo pratica o genocídio, tendo posturas baseadas na seleção de corpos que são ‘matáveis’, nessa lógica os corpos ‘matáveis’ brasileiros são as pessoas da periferia, em sua grande maioria os corpos negros. A estrutura histórica da

¹⁵ [...] Em 2002, o Brasil ocupava a 13ª posição no ranking global de economias medido pelo PIB em dólar, segundo dados do Banco Mundial e FMI. Chegou a ser o 6º em 2011, desbancando a Grã-Bretanha, mas voltou a cair. [...] A nota do Brasil no Índice de Desenvolvimento Humano da ONU, que era de 0,649 no início dos anos 2000, chegou a 0,755 hoje, o que indica uma melhora.

A pesquisa considera indicadores como a esperança de vida ao nascer, a expectativa de anos de estudo e a renda per capita. Como resultado, cada país recebe uma nota que vai de 0 a 1.

No relatório da ONU de 2015 sobre o índice, o Bolsa Família é retratado como uma espécie de modelo de programa social bem-sucedido. "Desde que o programa foi lançado, 5 milhões de brasileiros deixaram a extrema pobreza. E por volta de 2009 o programa havia reduzido a taxa de pobreza em 8 pontos percentuais."

Outro indicador que também teve uma melhora foi o da desigualdade. O coeficiente Gini do Brasil, nos cálculos do Banco Mundial, passou de 58,6, em 2002, para 52,9, em 2013 (último dado disponível). [...] quais são as fontes? Talvez pudesse levar isso para o corpo do texto.

escravidão se insere exatamente quando as “as vidas negras não importam no Brasil”, ou quando são aceitos institucionalmente que um militar dispare oitenta tiros contra uma família dentro do carro apenas por ser negra, ou que milhares de crianças pretas sejam alvos dos tiros disparados pela PM, ou seja, a senzala ainda se mantém erguida e com pilares estáveis e forte com respaldo institucional.

A pandemia da Covid-19 demonstrou sistemicamente o quão frágeis são as estruturas políticas, principalmente no Brasil, no entanto, a existência do SUS permitiu a população o acesso ao tratamento, ainda que precário.

Segundo o IBGE, no ano de 2020, a proporção dos trabalhadores sem possibilidade de isolamento social foi de 10 brancos para 13 pretos ou pardos. No caso das internações pela doença, há um equilíbrio: negros representam 49,1% dos internados por Covid-19, enquanto brancos representam 49%. Mas na análise das mortes, o descompasso aparece, pretos e pardos representam 57% dos mortos pela doença, enquanto brancos são 41% dos mortos.

Além da discrepância de mortos consistir em pessoas negras, há a revelação de outros problemas na realidade do Brasil, a forma com que o número de casos de violência doméstica aumentou decorrentes do isolamento, trazendo à tona outro pilar muito enrijecido do país, a cultura da violência e do estupro. Dentro de todos os elementos apontados no texto, vale a reflexão sobre qual democracia existe no Brasil,

O número elevado de mortos não gerou impacto na população, são cerca de 600 mil mortos no ano de 2021, segundo o ministério da saúde. Vislumbrando toda a situação, as únicas palavras do presidente são de negação "temos que seguir em frente", a postura de um presidente e um governo falido, com a instabilidade de ministros jamais vista. E ainda, a descrença da população no vírus. O povo seguiu negando a existência do vírus, a crença de que tudo se deu por conta dos comunistas, a China comunista criou o vírus, repercutiu nos ouvidos da classe média, porém também trazem a ideia de que o vírus é uma invenção, são falas demasiadamente contraditórias, e além disso um fundamentalismo crescente domina nosso ideário. Ainda exercendo suas funções primordiais, as *fake news* se espalham reforçando esse tipo de discurso, em que em meio a 600 mil mortos.

É quase inacreditável crer nesse governo em que milhares de pessoas se apegam ao discurso negacionista e fundamentalista, porém não é surpreendente, visto que a historiografia e a educação que nos permeia estão na corda bamba, a democracia no Brasil está longe de ser

efetivada enquanto houver a discrepância do sistema gerada pelas elites. A real democracia está em construção, fruto de uma educação crítica que inspira indivíduos de maneira cada vez mais emancipadora, ainda que parcialmente.

5. CONCLUSÃO

No primeiro capítulo observamos que compreender a atual crise política vai além do que estudar fatos isolados, por isso esse trabalho buscou atender as abordagens das temporalidades braudelianas, para capturar de que forma as hierarquias e discursos foram construídos ao longo dos processos históricos. Retomando os conceitos de estruturas e conjunturas históricas.

A compreensão da forma com que as hierarquias fundamentaram processos de dominação como o de etnização e o racismo estrutural, viabilizaram a articulação desenfreada das elites sobre os interesses públicos, projetando a formação de estereótipos e a corrupção passa a ser vista como um aspecto cultural e subjetivo do povo, quando na realidade o saque é realizado pelas próprias elites econômicas, como explicitado no capítulo dois. A naturalização do discurso de que somente o Estado desfruta do monopólio da corrupção, ocorreu através da própria disseminação das ideias dominantes ao longo da historiografia brasileira que corroborou para dominação oligárquica e antipopular.

No capítulo três foi apresentada a forma com que as elites brasileiras articuladas as hegemonias respectivamente cada uma de sua época se organizará contra o povo, nesse sentido podemos observar a forma com que por exemplo a sucessão de golpes de Estado percorreram a história do Brasil, utilizando dos pressupostos teóricos de Immanuel Wallerstein.

A educação crítica é a chave para a construção efetiva do que de fato esperamos ser uma democracia, a mesma deve ser construída coletivamente, ainda que as estruturas históricas demorem a ser rompidas é necessário muita luta e resistência. Para além disso, ressalto a importância da investigação da história como ferramenta para as ciências sociais com o compromisso de alcançar a população.

REFERÊNCIAS

ARRIGHI, Giovanni. **O longo século XX: dinheiro, poder e as origens de nosso tempo**. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto; São Paulo: Editora UNESP, 1996.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir: a Educação como prática de liberdade**. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla- São Paulo. 2013. Editora Martins Fontes, 2013.

BRAUDEL, Fernand. **História e Ciências Sociais: a longa duração**. In: BRAUDEL, F. Escritos sobre a história. [Trad. J. Guinsburg e Tereza C. S. da Mota]. São Paulo: Editora Perspectiva. 1992. p. 41-78.

BRAUDEL, Fernand. **A Dinâmica do Capitalismo**. Trad. Carlos da Veiga Ferreira. Lisboa: Editora Teorema, 1985.

CHAUÍ, M. Comunicação e democracia, PAULOS – Revista de Comunicação da FAPCOM, v. 1, n. 2, 2017. p. 17-32

COSTAS, R: **legado dos 13 anos do PT no poder em seis indicadores internacionais**. BBC News Brasil. URL: [O legado dos 13 anos do PT no poder em seis indicadores internacionais - BBC News Brasil](#). Acesso em 31/03/2022.

GORENDER, Jacob. **O escravismo colonial**. Editora ática: São Paulo-SP, 1988.

FERLINI, Vera. **Terra, trabalho e poder: O mundo dos engenhos no Nordeste colonial**. Edusc: Bauru-SP, 2003.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. 3. ed. São Paulo: n-1 edições, 2018. 80 p.

SOUZA, Jessé. **A elite do atraso: da escravidão ao Bolsonaro**. Edição-revista e ampliada. Estação Brasil: Rio de Janeiro, 2019.

MONTEIRO, John. **Tupis, Tapuias e historiadores: estudos da história indígena e do indigenismo**. UNICAMP: Campinas, 2001.

SEM AUTOR: **LEIS ABOLICIONISTAS**. Mundo educação. URL: [Leis abolicionistas: o que defendiam, exemplos, efeitos - Mundo Educação](#) Acessado em 26/03/2022.

SEM AUTOR: **PAINEL DE CHECAGEM DE FAKE NEWS**. Conselho nacional de justiça. URL: <https://www.cnj.jus.br/programas-e-acoes/painel-de-checagem-de-fake-news/>. Acessado em:30/03/2022.

SOUZA, Jessé. **A classe média no espelho: sua história, seus sonhos e ilusões, sua realidade**. Edição estação Brasil: Rio de Janeiro, 2018.

VIEIRA, Pedro Antonio. VIEIRA, Rosângela de Lima. FILOMENO, Felipe Amin. **O Brasil e o capitalismo histórico: Passado e Presente da Análise de Sistema-mundo**.1ª Edição – Cultura Acadêmica. 2012 - São Paulo – SP

VIEIRA, Rosângela. Como fazer ‘análise de conjuntura’ numa abordagem histórica. **A conjuntura econômica e política brasileira e argentina**. In: CORSI, L.F. CAMARGO, M.J. SANTOS. dos A. Editora: cultura acadêmica, 2015. p. 15-24

VIEIRA, R; L. **O Golpe Militar de 1964 na perspectiva braudeliana: fato, conjunturas e estruturas históricas**. In: BRABO, Tânia S. A. M. (ORG.) Direitos humanos, educação e participação popular: 50 anos do Golpe Militar. Marília: Oficina Universitária, São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014, p. 65-87.

VIEIRA, R; **A ILUSÃO DA DEMOCRACIA NO CAPITALISMO HISTÓRICO**. In:Perspectivas, São Paulo, v. 52, p. 137-149, jul./dez. 2018.